

## A POSIÇÃO NARCISISTA

David E. Zimmerman\*, Porto Alegre

A proposta do presente artigo é a de considerar a importância que representa, para a prática psicanalítica, o reconhecimento de particularidades específicas da constelação psíquica que pode ser denominada “Posição Narcisista”.

Após uma breve revisão dos conceitos de “Posição” e de “Narcisismo”, são destacados os aspectos que se referem, entre outros, a uma condição de indiferenciação, a um permanente estado de ilusão em busca de uma completude, à negação das diferenças, aos núcleos simbióticos e aos de ambigüidade, às demandas provindas do ego ideal e do ideal do ego, à presença da “parte psicótica da personalidade”, ao uso da lógica bipolar, à busca de fetiches e de objetos reasseguradores do narcisismo, às identificações defeituosas e às inter-relações entre Narciso e Édipo.

Por fim, são descritas as características clínicas dos pacientes predominantemente fixados na Posição Narcisista, e são tecidas considerações acerca do manejo técnico dos mesmos na prática psicanalítica.

### I. Uma breve revisão conceitual

A Posição Narcisista (P.N.) não é unicamente uma importante etapa no desenvolvimento de todo ser humano. Antes, ela se comporta como uma estrutura, um modelo de relacionamento e de vínculo que opera ao longo de toda a vida e, por isso, é de especial importância o seu reconhecimento na prática clínica.

É útil começar clareando o vértice conceitual que, aqui, define, separadamente, os termos “posição” e “narcisista”.

**POSIÇÃO.** Como sabemos, o termo “posição” designa um ponto de vista, uma perspectiva, uma forma de o indivíduo visualizar ele mesmo, os outros e o mundo que o cerca. Esse vértice de visualização se institui a partir de uma constelação de ansiedades, relações objetais, defesas e afetos e determina uma forma de ser e de se comportar na vida.

Assim, é necessário deixar claro que “posição” não é o mesmo que fase ou estágio. Enquanto essas últimas designam uma transitória linearidade evolutiva, o conceito de “posição” indica uma estrutura definitiva, em evolução constante e permanentemente ativa na organização da personalidade. Portanto, indo além de um estágio (“stage”), a P.N. se constitui como um estado (“state”) mental.

O conceito de “posição” ganhou relevância na literatura psicanalítica através de M. Klein, que, como sabemos, descreveu dois tipos de posições, a esquizoparanóide (P.E.P.) e a depressiva (P.D.), embora, a certa altura de seus estudos, tenha descrito uma terceira forma, a posição maníaca, a qual ela não mais retomou.

A P.E.P., em condições normais, estende-se até o 3º mês de vida e, conforme o seu nome indica, consiste em um indispensável uso de defesas muito primitivas, notadamente as de dissociações (“esquizo” quer dizer “cisão”) e as de projeções (que distorcem a gnose, logo, “para-gnose”, ou seja, paranóide), nas relações do bebê com os seus objetos parciais. Convém recordar que, na P.E.P., a utilização de dissociações e projeções advém da necessidade do bebê de se livrar dos sentimentos desprazerosos que, segundo M. Klein, são resultantes das pulsões sádico-destrutivas diretamente ligadas à inata inveja primária.

Igualmente pode-se dizer, de acordo com o vértice conceitual que está sendo adotado no presente trabalho, que a Posição Narcisista (P.N.) – que, em sua forma original, se caracteriza por uma total indiferenciação tanto entre o “eu” e o “outro”, como também entre os diferentes estímulos procedentes das distintas partes do seu próprio self – precede a posição esquizoparanóide, na qual já há algum grau de diferenciação, não obstante o uso maciço de identificações projetivas. Um importante fator diferenciador entre a P.E.P. e a P.N. é o fato de que, na primeira, já há um rudimento de ego a se defender ativamente contra a vigência dos impulsos destrutivos e do pavor de aniquilamento, decorrentes da pulsão de morte (ou inveja primária), enquanto que a P.N. não se constitui a partir da agressão, mas sim como uma forma de assegurar e perpetuar a unidade simbiótica, indiscriminada e fusionada com a mãe.

A P.D., por sua vez, sucedendo à P.E.P., vem a se organizar por volta do 6º mês e designa um estado mental que possibilita que a criancinha comece a discriminar, reconhecer e integrar os aspectos clivados dessa mãe, agora como objeto total. A consolidação da P.D. implica na condição de que a criança tanto assuma o seu quinhão de culpas e de responsabilidades, como também ela possa exercitar as suas capacidades reparatórias pelos danos que, na realidade ou na fantasia, inflingiu aos seus objetos necessitados. Não custa lembrar que somente a instalação consistente da P.D. é que vai possibilitar o desenvolvimento de importantes funções, como a da capacidade de pensar (a qual, segundo Bion, resulta da transformação de elementos beta em elementos alfa, através da função alfa da mãe), a formação de símbolos e a linguagem verbal.

Bion propôs um modelo segundo o qual as P.E.P. e P.D. não são estanques e de evolução linear seqüencial; pelo contrário, elas estão sempre presentes ao longo de toda a vida e sempre em interação recíproca (o que, graficamente, ele representou por PS«D).

Embora as três posições descritas guardem nítidas diferenças entre si, o importante a considerar é que, seguindo o modelo de Bion, elas estão constantemente interagindo e se alternando entre si, não obstante o fato de que uma delas venha a assumir o comando da vida psíquica do indivíduo.

As oscilações entre a P.E.P. e a P.D. determinam o surgimento de estados confusionais. Por essa razão é importante termos em mente o fato de que, muitas vezes, o penoso estado confusional de um paciente regressivo, no curso do processo analítico, pode estar representando uma transição, sadia e necessária, embora preocupante e sofrida.

Nesse contexto, impõe-se incluir as particularidades específicas do que estamos denominando Posição Narcisista, termo que foi empregado por H. Segal (1983), em uma conceituação praticamente sinônima de P.E.P. No entanto, conforme aludimos atrás,

embora a P.N. seja inerente à P.E.P. e indissociável dela, ela tem uma configuração própria, mais anterior, complexa e abrangente do que essa última, porquanto o seu estudo parte do vértice do narcisismo, cujo conceito original, como sabemos, foi virtualmente ignorado por M. Klein. Creio que, a partir de um mais claro reconhecimento da P.N., fica facilitado o entendimento dos núcleos mais regressivos e que guardam uma especificidade típica, conforme o que será descrito mais adiante.

**CONCEITUAÇÃO DE NARCISISMO.** Há um verdadeiro leque de acepções acerca do termo “narcisismo”, desde as distintas abordagens pioneiras e originais de Freud, até as atuais que são provindas de autores de diferentes correntes psicanalíticas, em diferentes épocas e latitudes.

Em uma forma muito sumarizada, pode-se dizer que a evolução conceitual de narcisismo tem transitado pelos seguintes enfoques:

- 1) uma forma de perversão (conforme a pioneira designação de Näcke);
- 2) um tipo de escolha objetal (como em “Leonardo da Vinci”, de Freud-1910);
- 3) uma fase evolutiva (como no “caso Schreber”, de Freud-1911, ou, como é concebida na atualidade por muitas correntes psicanalíticas, as quais enfatizam a etapa primitiva da fusão simbiótica do bebê com a mãe, em um estado de indiscriminação e especularidade);
- 4) um ponto de fixação das psicoses (como em “Schreber”);
- 5) um narcisismo do tipo libidinal, ou seja, um processo de retração da libido sobre o ego (conceito essencial de Freud, descrito em seu magistral “Introdução ao Narcisismo”, de 1914);
- 6) um narcisismo normal e estruturante e que, ao longo da vida, pode sofrer transformações sublimatórias, sob forma de sabedoria, criatividade, etc. (como postula Kohut-1971);
- 7) um narcisismo destrutivo, como denomina Rosenfeld (1971), ou, segundo Green (1976), narcisismo de morte, ou, ainda, narcisismo negativo (consiste no direcionamento para o self, da destrutividade, a qual fica idealizada), nesses casos sendo particularmente importante, para a prática psicanalítica, o reconhecimento da organização patológica que Rosenfeld chama de “gangue narcisista”;
- 8) um narcisismo de origem pré-natal, como preconiza Grumberger (1979), o qual se constitui como uma permanente busca de um estado paradisiaco;
- 9) um tipo de identificação (diante da perda de um objeto, o self se transforma à imagem e semelhança desse, como em “Luto e Melancolia”, de 1914);
- 10) uma forma de identificação primária, sob um registro do imaginário, quando a criança se identifica, especularmente, com um duplo de si mesmo (tal como ensina Lacan em seus originais estudos sobre “a etapa do espelho”);
- 11) um estado narcísico (uma forma defensiva-regressiva de enfrentar a sensação de pequenez e desvalia, diante de determinadas situações de desamparo);
- 12) uma personalidade narcisista (um conjunto de traços, características e atitudes, como, entre outros, uma megalomania, que determina uma forma de ser e de viver), sendo a organização caracterológica narcisista da personalidade, sempre, a contrapartida do desamparo, havendo uma permanente dialética entre ambos;
- 13) uma forma de transferência na situação analítica (nos termos descritos particularmente por Kohut);
- 14) uma posição narcisista (um vértice de visualização do mundo das relações, a partir da condição fundamental de que ainda não se tenha processado a diferenciação e a discriminação entre o “eu” e os outros);
- 15) uma organização narcisista (a qual resulta das possíveis combinações e arranjos peculiares dos elementos próprios da P.N. original). Para os propósitos deste trabalho cabe uma sinonímia entre essas duas últimas.

## **II. Características da posição narcisista**

Como se vê, pela razão de serem tão múltiplas e tão diversas as conceituações e vertentes inerentes ao narcisismo, corre-se o risco de uma babelização. Com um intento simplificador e unificador, creio ser muito útil entender a P.N. a partir do parâmetro do grau de discriminação entre o eu e o não eu, ou seja, entre o sujeito e os outros.

O ser humano é o que, entre todos os seres vivos, tem mais prolongada a duração de um estado de dependência absoluta para a satisfação de suas necessidades básicas primárias. Esse estado é designado com o nome de neotenia. Gradativamente, o indivíduo vai adquirindo uma relativa diferenciação e autonomia, embora nunca exista uma independência absoluta em relação aos demais.

Assim, pode-se imaginar um eixo relacional, no qual, em uma extremidade, há uma relação diádica de natureza fusional e indiferenciada, enquanto a outra extremidade é constituída por uma triangularidade em que os indivíduos estão discriminados entre si. Quanto mais próximo estiver o sujeito do 1º pólo, mais enrijecida estará sendo a sua P.N. e, nesses casos, sobressaem as seguintes características típicas:

- 1) uma condição de indiferenciação;
- 2) um permanente estado de ilusão em busca de uma completude;
- 3) negação das diferenças;
- 4) a presença da assim chamada parte psicótica da personalidade;
- 5) a persistência de núcleos de simbiose e de ambigüidade;
- 6) uma lógica do tipo bipolar;
- 7) uma escala de valores centralizados no ego ideal e no ideal de ego;
- 8) identificações defeituosas;
- 9) busca de fetiches e de objetos reasseguradores;
- 10) um permanente jogo de comparações.

É evidente que as características acima não são estanques; antes, elas se combinam em graus e formas diferentes, superpõem-se, completam-se, e, por isso, vale a discriminação mais pormenorizada que segue abaixo.

1. **INDIFERENCIAÇÃO.** Sob nomes diferentes e com pequenas variações conceituais, muitos autores modernos têm dado uma ênfase especial à situação em que o bebê constitui, com a sua mãe, uma díade fusional e indiscriminada. Assim, M. Mahler (1975) denomina esse estado etapas de “autismo normal” e de “simbiose”; Lacan a situa evolutivamente no “estágio do espelho”; Winnicott, igualmente, destaca o “estado de ilusão de onipotência” (em que o bebê, em um estado de real dependência absoluta, tem a ilusão de ter uma absoluta independência); E. Jacobson estuda o “self psicofisiológico”, no qual somente há sensações prazerosas ou desprazerosas; Grumberger (1979) preconiza um nirvânico “estado pré-natal” como um denominador comum de todas as formas de narcisismo; Kohut (1971) considera um estado narcisista perene e descreve o “self

grandioso-exibicionista”; Bleger (1967) postula a presença do que ele denomina “núcleo aglutinado”; Pacheco Prado dá o nome de “entranhamento”, e assim por diante. Na verdade, todas essas denominações, com pequenas variantes, equivalem ao que Freud se referia como um “estado de nirvana”, ou, em um outro registro, como o do “ego do prazer purificado”.

Como uma forma de simplificar essa polissemia conceitual, pode-se considerar o narcisismo como sendo um estado em que o indivíduo continua fixado ou regredido à etapa evolutiva de indiferenciação com os demais. Nessa etapa evolutiva de indiferenciação, o bebê acredita que cada ato de sua mãe é um ato dele próprio, que cada resposta de sua mãe, prazerosa ou desprazerosa, é uma obra do seu desejo e uma prova de sua onipotência. Como uma primeira conclusão, pode-se dizer que o funcionamento psíquico da P.N. está predominantemente fixado no registro do imaginário.

Dessa forma, a ruptura de uma relação narcisística, em direção a uma edípica, mais evoluída, implica necessariamente que haja uma castração simbólica, ou seja, que o indivíduo tenha a vivência da perda do paraíso simbiótico com a mãe. A consequência direta disso é um sentimento de incompletude e o reconhecimento penoso de que ele depende e tem necessidade do outro (é justamente aí que muitos autores não kleinianos situam a origem do sentimento de inveja).

**2. ESTADO DE ILUSÃO EM BUSCA DE UMA COMPLETUDE.** O intenso sofrimento da inevitável incompletude obriga esse indivíduo a criar e manter uma estrutura ilusória de onipotência e de onisciência, a qual, quando fortemente fixada e nucleada no self, acarreta uma série de derivados caracterológicos próprios da P.N.

Assim, essas pessoas narcisistas passam a maior parte de suas vidas buscando algo ou alguém que confirme o seu mundo ilusório, dessa forma garantindo a preservação da auto-estima e do senso de identidade, ambas permanentemente muito ameaçadas na P.N., em virtude das demandas do mundo da realidade.

Em um nível mais primitivo, o narcisista muito regressivo pode estar procurando a sua unidade corporal perdida, ou seja, a parte do seu corpo que ficou alienada em um outro, geralmente a mãe. Isso pode ser comprovado em casos de extrema regressão, como em esquizofrênicos que, diante de um espelho, procuram desesperadamente reconhecer a sua verdadeira imagem refletida (os ensinamentos de Lacan sobre a “etapa do espelho” facilitam a compreensão desse fenômeno).

Outra decorrência desse estado de indiferenciação e de ilusão é o de uma permanente condição de egocentrismo. é útil considerar a diferença que existe entre esse egocentrismo, que subsiste narcisisticamente no adulto como uma forma de negar a sua necessidade do outro, e o egocentrismo próprio do desenvolvimento cognitivo, denominado por Piaget “etapa do pensamento pré-operatório”, na qual a criança ainda não tem condições neurobiológicas de pôr-se no lugar do outro. Vale comparar, metaforicamente, o egocentrismo narcísico ao sistema solar, uma forma em que o sujeito se sente como sendo o sol, e as demais pessoas como sendo planetas e satélites e, como esses, sem luz, calor e movimentos próprios, pessoas essas que devem gravitar e girar em torno do “brilho” do seu narcisismo. Um bom modelo dessa metáfora é o de Luiz XIV, o “Rei Sol”, que manteve um permanente prolongamento da condição de “sua majestade, o bebê” (metáfora, essa última, criada por Freud-1914).

**3. NEGAÇÃO DAS DIFERENÇAS.** A terceira característica decorrente da P.N. consiste no uso maciço do recurso defensivo da Negação, tanto no que se refere às diferenças do indivíduo em relação aos outros (porquanto a sua óptica é a do egocentrismo acima aludido), como também em relação à necessidade de negar todos os aspectos da realidade que afrontem a sua imaginária completude narcísica.

As principais regressões utilizadas pelas pessoas fortemente fixadas na P.N. dizem respeito à não tolerância de suas diferenças em relação aos outros, tanto as de sexo (é muito difícil o luto pela perda da bissexualidade), como as diferenças de gerações, de capacidades e de atributos (tamanho do pênis, força, inteligência, beleza, etc.). A negação também é extensiva ao não reconhecimento das verdades penosas, tanto as internas como as externas, como são as que seguem: a impossibilidade de uma plena completude, a admissão de que existe a presença de um terceiro (na infância, era o pai, a quem, ao fim e a cabo, a mãe se entregava), o reconhecimento de que ele depende dos outros e, por isso, corre sérios riscos de sentir inveja, perdas e separações, a admissão de que o outro tem uma vida autônoma, não é posse sua, não está sob o seu controle e tem o direito de ser diferente dele. (Ser diferente significa que o outro “ente” “difere” dele e vai para uma outra direção, ou seja, que esse outro é original e não foi originado por seu imaginário narcísico). Além dessas negações, o indivíduo, estagnado na P.N., também tem dificuldades em reconhecer os seus inevitáveis limites e limitações, como são, por exemplo, os problemas ligados ao envelhecimento, doença e morte, a inevitável hierarquia na atribuição de papéis e de funções, a desproporção entre as aspirações ideais e as capacidades reais em poder realizá-las. Nesse último caso, para enfrentar a vida adulta, o indivíduo pode ser tentado a utilizar o que J. Chasseguet-Smirgel (1973) chama a fácil “via curta”, ao invés da custosa “via longa”, para a consecução dos objetivos adultos, preferência essa que representa uma porta aberta para o narcisismo no plano da conduta, como é o caso da perversão e da psicopatia.

**4. A PRESENÇA DA “PARTE PSICÓTICA DA PERSONALIDADE”.** O entendimento das referidas negações fica facilitado se tivermos em mente os ensinamentos de Bion (1967) acerca da patologia, tanto das funções do pensamento, como as cognitivas (-K), e dos ataques aos vínculos perceptivos. Em casos extremos, a negação adquire o grau de forclusão psicótica, na qual há alguma ruptura com a realidade exterior.

Também devemos a Bion a compreensão de que todo indivíduo é portador, em grau maior ou menor, do que ele denomina a “parte psicótica da personalidade” (P.P.P.). é preciso deixar bem claro que essa denominação não designa uma psicose clínica, mas sim um encapsulado estado da mente que se caracteriza por alguns aspectos regressivos que, em uma mesma pessoa, coexistem com os sadios. Vale lembrar que os principais aspectos que Bion destaca na P.P.P. são os seguintes: a prevalência da inveja e das pulsões destrutivas, o uso excessivo de identificações projetivas, o uso maciço de negações, o ataque aos vínculos, a utilização da “reversão de perspectiva”, assim como também a inibição das funções de representação, da formação de símbolos e a de abstração.

é claro que a P.P.P. está presente em todo e qualquer indivíduo; no entanto, é necessário levar em conta não só o grau quantitativo dos aspectos acima aludidos, mas também se a predominância do narcisismo é de natureza libidinal ou se é do narcisismo destrutivo, e isso influi decisivamente na determinação da caracterologia ou do quadro clínico de cada indivíduo.

Uma forte presença da P.N. na organização da P.P.P. acarreta profundas consequências na estruturação da personalidade. Assim, a onipotência ocupa o lugar da formação e uso dos pensamentos, a onisciência substitui o difícil aprendizado pela experiência, a prepotência (pre-potência) substitui a impotência (ou seja, uma negação da im-potência diante da fragilidade, desamparo e dependência do outro), a ambigüidade e confusão obliteram a discriminação, a imitação ou adesividade

substituem a identificação, e assim por diante.

5. NÚCLEOS DE SIMBIOSE E AMBIGÜIDADE. A presença desses núcleos é inerente à P.N. Com base em Bleger (1967), pode-se traçar uma distinção entre esses dois conceitos.

Simbiose se refere a um estado de uma relativa indiferenciação com o outro, sendo que o indivíduo pode substituir a sua insegurança e dependência pela auto-suficiência e a onipotência. Para tanto, ele sempre elege uma outra pessoa e a mantém sob um controle onipotente, como, por exemplo, pode ser comumente observado na união de um casal, entre um marido muito obsessivo e controlador e uma esposa dependente e submissa, ou vice-versa.

Ambigüidade, por sua vez, designa uma condição mais regressiva que a da simbiose e caracteriza-se pelos aspectos que seguem abaixo:

- 1) a persistência de núcleos sincréticos, ou seja, uma condição em que o indivíduo confunde a parte como sendo o todo, e o "como se" com o "de fato é";
- 2) a coexistência de aspectos contraditórios e até incompatíveis da personalidade e que não são sentidos como estando em oposição;
- 3) o jogo freqüente do indivíduo com a vagueza, como uma forma de negar as diferenças, dentro do princípio de que, "no escuro, todos os gatos são pardos", conforme a metáfora de L. Hornstein (1983);
- 4) a multiplicidade de depositários, diferentemente da simbiose, em que o hospedeiro é uma determinada pessoa;
- 5) o recurso a pseudo-adaptações nas situações grupais, os ambíguos fazendo pseudo-adaptações (os outros é que ficam confusos) e, não raramente, o manejo dessas situações com técnicas psicopáticas.

A ambigüidade e a simbiose podem se alternar e coexistir em um mesmo indivíduo e elas requerem uma atenção especial na situação analítica, como será exposto mais adiante.

6. LÓGICA BIPOLAR. é particularmente importante o item antes aludido que destaca na P.N. a presença de núcleos sincréticos, porquanto esses exercem uma decisiva influência patogênica em dois importantes aspectos da personalidade: a representação do self e uma forma particular no uso do pensamento.

Assim, pelo fato de que, no sincretismo, uma parte costuma representar o todo e vice-versa, resulta que, no caso de um determinado atributo de o indivíduo não corresponder ao seu ego ideal ou ideal do ego, ele generaliza essa deficiência para a totalidade de sua pessoa. Por exemplo, um nariz feio determina uma convicção de uma feiúra total e, da mesma forma, o insucesso de uma tarefa é vivenciado na P.N. como sendo um fracasso na totalidade de suas capacidades, e assim por diante.

Pela mesma razão de sincretismo, a escala de valores na P.N. funciona em extremos de "tudo ou nada" e não admite os meios termos. Isso conduz a uma lógica do tipo binário, em que o sujeito oscila unicamente entre dois pólos: ou ele se imagina como sendo o melhor (diante de um eventual êxito ele se sente nivelado às demandas do ego ideal), ou como sendo o pior (nos casos em que houver uma acentuada defasagem entre o ego ideal e o real). Da mesma forma, na P.N., o indivíduo se considera unicamente como sendo um sucesso ou um fracasso; se não for lindo, é porque ele é feio, e assim por diante.

7. ESCALA DE VALORES CENTRADA NO EGO IDEAL E NO IDEAL DO EGO. O item anterior deixa claro a importância da presença continuada dessas duas substâncias psíquicas, na constituição das organizações narcisistas.

Como há uma certa imprecisão semântica entre ambos os termos, vale acentuar que, na condição de herdeiro direto do narcisismo original, o Ego ideal é aqui considerado como sendo o pólo das ambições pessoais, no registro imaginário, e equivale ao self grandioso-exibicionista, segundo a terminologia de Kohut (1971). O Ideal do ego, por sua vez, representa o pólo em que o sujeito se sente na obrigação de cumprir os ideais e as expectativas provindas dos ideais dos pais e da sociedade. Nessa concepção que estou adotando, o ideal do ego vem a ser um herdeiro do ego ideal, porquanto uma boa parte das expectativas parentais resultam não somente do discurso dos pais, mas também da projeção do ego ideal da criança nesses mesmos pais.

A predominância na estrutura psíquica do sujeito, tanto do ego ideal como do ideal do ego, determina uma extrema vulnerabilidade da auto-estima. Na sua precoce infância, esses indivíduos foram crianças extremamente sensíveis não só às frustrações externas, como também aos pequenos fracassos evolutivos (como, por exemplo, os tombos que acompanhavam o início da marcha, ou a vergonha da incontinência esfinteriana, etc.), sendo que, embora venham a ser adultos bem sucedidos, quaisquer frustrações, decepções ou insucessos continuam sendo vividos com um sentimento de desamparo e de aniquilamento.

Nos casos em que a auto-estima do indivíduo fixado na P.N. gravita unicamente em torno do cumprimento da obrigação de corresponder às expectativas de si próprio ou às provindas de seus pais e representantes, é muito comum a instalação do quadro clínico conhecido como "depressão narcisística" (Bleichmar, 1981), diante do fracasso na realização dos projetos ideais. Uma outra possibilidade, também muito comum, é a de que uma superadaptação às demandas do ideal do ego determine a constituição da personalidade do tipo "falso self", conforme a conhecida conceituação de Winnicott.

8. A BUSCA DE FETICHES. A ferida narcisista – uma das mais dolorosas entre todos os sofrimentos psíquicos – é aquela que resulta da distância que vai entre o plano ilusório (ego ideal) e o plano realístico. Em contrapartida, o prazer narcisista tem a ver com o reconhecimento e a admiração de um outro significativo e, embora esse último seja alguém externo a ele, a demanda por reconhecimento provém do objeto ideal que ele traz internalizado. Para fugir da ferida narcisista e garantir o prazer da P.N., o sujeito deve encontrar valores e atributos que preencham os vazios de sua imaginária completude.

Quando os referidos valores e atributos ficam supervalorizados, eles exercem a função de fazer o indivíduo "parecer ser aquilo que, de fato, ainda não é" e, portanto, nesses casos, os valores se constituem como sendo fetiches, os quais o sujeito vai procurar em si próprio (sob a forma de beleza, inteligência, riqueza, prestígio ou poder), ou fora dele, em uma outra pessoa, em uma instituição, em uma ideologia, em uma paixão, etc.

Pode-se exemplificar: alguém que esteja fixado na P.N. pode estudar, com afinco, a obra de Freud (ou a de Bion, Lacan, etc.) não tanto para entendê-los em profundidade e fazer correlações, reflexões e aplicações práticas, mas sim para convencer a si e aos demais que ele "possui" Freud (logo, como um fetiche), o que o autoriza a se imaginar como sendo muito íntimo do mestre e, portanto, merecedor do mesmo prestígio e respeito desse. Da mesma forma, dentro dessa óptica segundo a qual o indivíduo em P.N. pensa ser aquilo que representa ser, no caso de desfilarem com um carro de luxo, importado, vai acreditar piamente que é

poderoso e diferenciado e que assim ele está sendo reconhecido pelos demais.

9. ESCOLHA DE OBJETOS REFORÇADORES DA ILUSÃO NARCISISTA. Tendo em vista a imperiosa demanda por provas de que nele estão preservadas tanto a integração bio-psico-social como a auto-estima e o senso de identidade, o indivíduo fixado na P.N. institui, como meta principal de sua vida, a busca de pessoas, cuja função essencial é a de que essas endossem o seu ego ideal. Lacan, ao aprofundar o estudo da dialética do desejo, baseado na metáfora do “Amo e Escravo”, do filósofo Hegel, mostra o quanto cada um deles precisa do outro para se constituir como um sujeito completo, a tal ponto que, no fundo, o amo acaba sendo escravo do seu escravo, e esse, amo de seu amo.

A busca de pessoas reais reasseguradoras do ego ideal e dos ideais do ego abre um importante e extenso capítulo das relações interpessoais. Assim, a formação de um casal, baseado nas fixações narcisistas de cada um deles, serve como protótipo de reciprocidade na busca de um “algo” no outro; caso em que a união desse casal terá uma natureza especular ou vicariante. O vínculo especular designa uma condição simbiótica, na qual, portanto, não se formou a diferenciação entre o sujeito e o outro, de tal sorte que esse outro é vivenciado pelo narcisista como se fosse um mero prolongamento dele próprio. O estado de paixão máxima configura claramente esse último aspecto.

Seguindo Kohut (1971), em seus estudos sobre a transferência especular no processo psicanalítico, é útil lembrar que a relação especular pode ser de tipo fusional (a indiferenciação é praticamente absoluta), gemelar (o outro é visto como se fosse um gêmeo univitelino, como um “duplo” seu), ou especular propriamente dito (caso em que o outro não é mais do que um espelho refletor de como o sujeito é, ou de como ele deve vir a ser).

Por sua vez, o vínculo que aqui estou propondo nomear como vicariante designa uma condição em que um dos dois complementa (aquilo que o outro tem, mas que não utiliza) ou suplementa (quando um preenche o que o outro nunca teve, como é, por exemplo, a falta básica de uma boa maternagem).

Por outro lado, a ruptura de uma relação formada predominantemente por vínculos narcisistas costuma vir acompanhada por uma ansiedade confusional e por uma vivência de castração ou de perda, devidas ao penoso reconhecimento que o sujeito faz da sua incompletude e de que ele depende e tem necessidade de um outro.

10. IDENTIFICAÇÕES DEFEITUOSAS. Na P.N., as identificações não se fazem por admiração pelos objetos modeladores, como seria o desejável. Pelo contrário, elas se formam por uma adesividade (o indivíduo fica sendo uma “sombra”, um “grude” do outro) ou por uma mera imitação (caso em que ele paga o alto preço de um total esvaziamento de seu self), ou ainda por uma excessiva idealização, ou denegrimiento do modelo introjetado.

Nos casos mais regressivos, a presença interiorizada de figuras parentais, sentidas como sendo tanáticas e enlouquecedoras, impedem a passagem da posição narcisista para a edípica, processo que é indispensável para a constituição do senso de identidade e da constituição do sujeito.

Um outro aspecto a destacar, a partir de uma perspectiva transgeracional, é a de que a criança pode ficar identificada com as identificações que cada um dos seus pais tem com os seus respectivos pais. Esse tipo de identificação se processa, em grande parte, através do discurso parental, comumente por uma forma intrusiva e, por vezes, de maneira violenta. Em outras palavras, a criança (ou o paciente, na situação analítica) fica identificada com a identidade que lhe é atribuída, sendo que, às vezes, a identidade atribuída consiste justamente em que ele não tenha uma identidade definida, como é possível observar nas personalidades camaleônicas.

11. JOGO DE COMPARAÇÕES. Como o indivíduo fixado na P.N. está permanentemente pondo em cheque a sua auto-estima, a qual é sempre muito instável, e como, da mesma forma, ele se reconhece através dos outros, resulta que, de uma forma compulsória, ele se vê impelido a estabelecer comparações com os demais.

Premido pela vigência da lógica bipolar do “tudo ou nada”, o indivíduo narcisista sofre muito com o êxito dos outros, porquanto, por comparação, isso representa um fracasso seu. Decorrem daí duas possibilidades: uma é que ele reforçará, cada vez mais, a busca de substitutos fetichizados, ou de pessoas reasseguradoras de sua grandiosidade, a outra possibilidade é que ele sinta profundamente as dores da ferida narcisista, fique tomado por sentimentos de inveja, ciúme, despeito e se torne uma pessoa ressentida e vingativa contra os que estariam lhe impondo humilhações. Esse jogo de comparações costuma ser sutil e dissimulado, porém, na prevalência da P.N., ele é permanente, obcecante e torturante.

12. INTER-RELAÇÕES ENTRE NARCISO E ÉDIPLO. Um registro indispensável é o de que a patologia de Édipo é indissociada de Narciso. Assim, clinicamente falando, antes do que a disjunção alternativa Narciso ou Édipo, é muito mais útil a conjunção copulativa Narciso e Édipo, sendo que cada um deles pode funcionar como um refúgio do outro. Em pacientes mais regressivos, é indispensável que o psicanalista encare as manifestações edípicas, às vezes muito floridas e atrativas, a partir de um vértice da P.N. de seu paciente, embora ambas estejam articuladas entre si.

No entanto, uma regressão narcisista nem sempre resulta de uma fuga de Édipo (e vice-versa) e nem como uma forma de resistência contra a progressão até Édipo. Pelo contrário, essa regressão pode representar um necessário e estruturante retorno às origens, a fim de recomeçar tudo de novo, de uma maneira mais sadia.

Em Narciso, a relação é diádica, enquanto no Édipo normal ela é triangular (no Édipo muito narcisizado, a relação pode ser triádica, mas não triangular, se levarmos em conta que são três pessoas, mas que uma está excluída afetivamente e, por isso, não existe). No mito de Narciso, o que prevalece não é o amor por si próprio, mas sim a con-fusão com a mãe (identificação primária de Freud) e a falta de discriminação e de consideração pelos demais, enquanto que em Édipo há a discriminação.

Como o narcisismo incipiente não se estrutura através de repressões, como em Édipo, ocorre que, ao contrário do que acontece nesse último, em condições altamente regressivas, não há lembranças, mas sim uma memória de sentimentos através de um “terror sem nome” (Bion, 1967), porque as primeiras faltas e o desamparo foram sendo semantizadas com o matiz de um aniquilamento.

Dessa forma, como nos mostra a narrativa do mito, é preciso que morra Narciso – uma relação diádica especular, em que ele foi condenado a adorar unicamente a si próprio, como uma forma de negar a sua dependência dos outros, para que Édipo (triangular) nasça e se desenvolva. O ingresso exitoso em Édipo é que vai possibilitar a passagem do plano imaginário para o real e o simbólico.

### III. A posição narcisista na prática psicanalítica

Conforme vimos, a P.N. adquire uma especial importância para a compreensão do desenvolvimento, na criança, dos seus futuros estados caracterológicos e os de sua psicopatologia, tendo em conta o grau de fixação nas raízes ilusórias do ego ideal e a distância que separa esse último do ego real. Assim, o ego ideal pode permanecer enquistado e predominante durante toda a vida, à espera de uma ressurreição grandiosa, ou pode ficar absorvido pelas estruturas mais evoluídas que se seguem na estruturação do self. Embora seja óbvio, não é demais ressaltar o fato de que a presença da P.N., tal como aqui estamos abordando, não representa necessariamente uma definida categoria clínica. Antes, a gradação quantitativa e a combinação dos vários elementos atrás descritos determinam evidentes distinções qualitativas, desde o de um franco quadro psicótico até o de uma eventual e transitória situação regressiva.

Em um indivíduo com uma forte P.N., o confronto entre o ego ideal e o ego real, o reconhecimento de que ele tem uma necessidade vital do outro, a passagem de Narciso a Édipo, do imaginário ao simbólico, a renúncia a sonhos e ambições e o desapontamento das expectativas provindas de outros, constituem-se em uma fonte geradora de intenso sofrimento.

Por essa razão, impõem-se algumas recomendações técnicas, que expomos a seguir, relativas aos analisandos que estão escutados na P.N.

Como vimos, todo e qualquer paciente é portador de uma P.N., embora essa possa estar oculta, dissimulada ou manifesta, ser de grau intenso ou moderado, de natureza benigna e até sadia, ou maligna e destrutiva. Assim, pode-se dizer que uma análise não pode ser considerada como completada satisfatoriamente se ela não desfez a P.N. original, ou se, pelo menos, não trabalhou em profundidade com núcleos narcisistas enquistados e disfarçados.

Toda a situação que remete a alguma forma de desamparo se constitui, para esse tipo de paciente, em uma ferida narcisista. Como as principais matrizes desse desamparo são a privação e a frustração, é preciso que o psicanalista tenha bem discriminado para si quando elas são inevitáveis ou quando são evitáveis. As frustrações inevitáveis, por mais que despertem uma reação colérica ou até catastrófica, se bem manejadas pelo analista, constituem-se em excelentes pontos de partida para o crescimento psíquico. Em contrapartida, as frustrações impostas ao analisando, e que poderiam ter sido evitadas sem o mínimo prejuízo da conservação do setting analítico, reforçam um sentimento de injustiça, desamparo, e o de não estar sendo escutado e entendido, da mesma forma como foi no seu passado original. Dessa forma, há um sério risco de que o psicanalista possa estar confirmando, fortalecendo e enrijecendo as falhas empáticas dos objetos primitivos mais significativos. Essa última afirmação, de maneira nenhuma, se contrapõe ao que sabemos ser a imposição de uma atitude técnica básica, qual seja, a de que a função do psicanalista não é de atender as necessidades, desejos e demandas do paciente em P.N., mas sim a de entendê-las.

Um outro risco que deve ser levado em alta conta é a possibilidade, nada incomum, de que o psicanalista já tenha previamente traçado, dentro de si, um projeto de expectativas em relação ao seu paciente. É claro que sempre vai existir algum grau de desejo por parte do psicanalista, o que não representa nenhum problema para a análise, desde que ele tenha uma clara percepção disso e não se deixe impregnar pelas suas expectativas. Caso contrário, na hipótese de que o psicanalista trabalhe a partir de uma P.N. própria, ele certamente estará propiciando a formação de um conluio inconsciente do tipo de uma recíproca fascinação narcisística com o seu paciente.

A recomendação acima não deve impedir que o psicanalista, durante um tempo necessário, aceite as demonstrações de exibicionismo grandioso do seu paciente, ou as de uma exagerada idealização dele, analista. Pelo contrário, como enfatiza Kohut, a estruturação psíquica de um self sadio transita pelo reconhecimento, por parte dos pais (ou do psicanalista), das capacidades e habilidades que o filho (analisando) lhe está exibindo e, claramente lhe expressando a sua necessidade, estruturante, de ser reconhecido, valorizado e admirado.

No curso da análise, uma regressão defensiva narcisista nem sempre representa uma fuga de Édipo, ou mesmo uma resistência contra a progressão tão desejada e tão temida até a superação edípica. Antes, a regressão a nível narcisista primordial pode evidenciar que o paciente esteja se permitindo fazer um necessário retorno às suas raízes primitivas, afim de recomeçar tudo do zero, em outras bases e com um novo modelo admirado, como está sendo o de seu psicanalista.

Os primeiros passos na transição de Narciso a Édipo são dolorosos, porquanto há um incremento do desamparo impotente, da inveja e do ciúme. Isso decorre de que a P.N. está sendo reproduzida na transferência, ou seja, o fato de que, quando criança, o paciente equacionou que “se eu não sou o único, ou o mais especial para os meus pais, ou pelo menos para um deles, é porque eles encontraram uma terceira pessoa melhor do que eu”. A tão conhecida ansiedade de separação – de presença constante na P.N. – merece também ser entendida a partir desse ponto de vista.

Adquire uma especial importância o problema da linguagem e comunicação por parte dos pacientes fixados na P.N., por duas razões. A primeira decorre do fato de que muitas das representações primitivas se formaram e fixaram antes da capacidade verbal e, por isso, o uso das palavras é substituído pela linguagem não verbal dos gestos, atitudes, somatizações e, especialmente, através de actings. A segunda razão é que esses pacientes, como uma medida de proteção da frágil auto-estima (embora essa aparente ser forte), utilizam muito o recurso da “reversão da perspectiva” (conforme Bion) por meio do qual eles desvitalizam as interpretações do psicanalista, revertendo tudo o que ouvem (mas nem sempre escutam) às suas próprias premissas firmemente preestabelecidas. (É interessante lembrar que, no mito, Tírsias havia previsto que Narciso morreria quando chegasse a conhecer-se.)

No contexto transferencial, creio ser útil a observação de Kohut (1971) de que as personalidades narcisistas se manifestam como “famintos”, em uma das formas que seguem: famintos de fusão (toleram muito mal a separação do analista e, por isso, procuram exercer um controle onipotente sobre ele), famintos de espelho (necessitam de uma continuada e recíproca demonstração de admiração e de reconhecimento), famintos de ideal (buscam constantemente pessoas que lhes sirvam como ídolos e protetores, e às quais possam admirar por seu prestígio, poder, riqueza, beleza, inteligência ou virtudes morais). Um quarto grupo é constituído por pessoas que, em um movimento oposto, para fugir dos riscos de frustrações e humilhações, são os evitadores de contato.

Essas metáforas facilitam o entendimento de que uma boa parte dos actings é devida a uma afanosa busca na extratransferência de alguém que sacie a sua fome. Assim, dentro de certos limites, o surgimento de actings durante a análise pode estar significando uma importante forma de comunicação em uma linguagem primitiva.

Ainda em relação à importância da comunicação primitiva através dos actings, é preciso considerar que um paciente fortemente radicado na P.N. se sente permanentemente ameaçado por uma sensação de vazio e de morte e, por essa razão, ele necessita urgentemente de estímulos que o façam sentir-se vivo e reconhecido como tal. Devido a isso, ele pode recorrer a condutas compensatórias, algumas das quais podem ser denegridoras e de alto risco, como, por exemplo, o uso de drogas psicoativas, a realização de alguns negócios ousados, corridas automobilísticas, ou provocações sadomasoquísticas. No entanto, é no terreno da sexualidade que esses actings compensatórios se manifestam, tanto sob forma de perversões sexuais, como de uma insaciável busca do príncipe encantado, ou da fada madrinha, muitas vezes, sob a forma de uma promiscuidade ninfomaníaca, ou donjuanesca.

Na prática psicanalítica, é de especial importância que o analista reconheça, na P.N., a provável existência de uma “gangue narcisista” (Rosenfeld-1971). Essa última consiste no fato de que o narcisismo onipotente e destrutivo se organiza e enquista no próprio self e, qual uma gangue mafiosa, através de ameaças, chantagens, e de sedução com promessas de proteção e cumprimento das ilusões, ataca e boicota o restante do self, o qual, embora dependente e frágil, está desejoso de um crescimento verdadeiro. Esse mesmo fenômeno tem sido estudado com outras denominações, entre elas a de “organização patológica” (Steiner, 1981), na qual o citado autor enfatiza a relação perversa que se estabelece, sob a forma de uma estrutura relativamente estável, entre partes diferentes, libidinais e destrutivas, de um mesmo self.

A necessidade de que, na prática analítica, o analista esteja muito atento à presença dessa organização patológica se deve a duas razões. Uma se refere à possibilidade de que esse mesmo conluio perverso intra-self se reproduza entre o paciente e o analista; a segunda razão diz respeito à formação de impasses no curso da análise, muitas vezes disfarçados sob aparentes melhoras adaptativas, porquanto as verdadeiras mudanças caracterológicas estão sendo sabotadas pela referida gangue narcisista.

Tendo em vista que o paciente fixado na P.N. desenvolve com facilidade um estado de “injúria narcisística”, no qual ele entra em um estado de indignação, com sentimentos de vergonha, humilhação e de ódio contra quem o tenha frustrado ou decepcionado – no caso, o seu psicanalista –, é condição sine qua non que esse último tenha bem desenvolvidas, entre outras, as capacidades de Paciência e de Continência (Zimerman, 1995). O atributo de Continência estabelece que o psicanalista, diante dos ataques do paciente em P.N., tenha condições de não revidar (na maioria das vezes através das próprias interpretações), não se deixar destruir (como é o caso de uma permanente contratransferência de apatia e impotência), não se desfazer do paciente (cogitar de encaminhá-lo a um outro terapeuta, por exemplo), não se perturbar (apelar para parâmetros técnicos, recorrer a uma hospitalização ou medicação inadequada, uma atitude de superdisponibilidade, etc.). Essa condição de Continência não se refere unicamente aos ataques próprios da injúria narcisística, mas também aos sintomas que costumam acompanhar o colapso narcisístico: a sensação de uma fragmentação temporária (do arcaico self grandioso), uma forte ansiedade difusa, um sentimento de despersonalização e de perda do senso de identidade, assim como o surgimento de queixas hipocondríacas, paranóides e depressivas.

A preservação do setting instituído é uma importante condição para a análise do paciente fixado na P.D., porquanto o simples fato de ele ter uma dificuldade em estabelecer diferenças, limites e limitações, faz com que tente romper o formalismo das combinações previamente estabelecidas e acordadas.

A “atitude psicanalítica” interna do psicanalista não estará completa se esse não reunir, além da empatia, da continência e da paciência, mais essas outras duas virtudes: a primeira, é a de, autenticamente, gostar de seus pacientes fixados na P.N. e confiar neles, e a segunda, é a de o analista ter um arraigado amor às verdades, principalmente àquelas que são diferentes das suas.

Dessa forma, as tão temidas resistências narcisísticas devem ser compreendidas como uma tentativa de o analisando manter sua sobrevivência psíquica, portanto, a favor da vida. O funesto é quando se instala um continuado estado de desistência, o que pode estar representando o triunfo do narcisismo de morte, pelo qual o único desejo do sujeito é o de nada desejar da vida.

À guisa de resumo, não custa repetir que a presença da posição narcisista original, quer ela resulte de um total estancamento psicoevolutivo, ou de uma forte e predominante fixação na personalidade, ou ainda de uma regressão a esses núcleos de fixação, adquire distintas configurações de organizações narcisísticas, e o seu reconhecimento e manejo por parte do psicanalista constitui-se em um fator importantíssimo na prática psicanalítica de qualquer analisando.

## Summary

This paper intends to emphasize the importance for the clinical practice of the “Narcissistic Position”.

After a brief revision of the concepts about “position” and “narcissism”, the author detaches several theoretical aspects, and describes considerations about technical aspects in psychoanalytic practice, that are concerning to the “Narcissistic Position”.

## Referências

- BION, W.R. (1967). Estudos Psicanalíticos Revisados. Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1994.
- BLEGER, J. (1967). Simbiosis y ambigüedad. Estudio psicanalítico. Paidós, Buenos Aires, 1972.
- BLEICHMAR, H. (1981). O Narcisismo. Ed. Artes Médicas, Porto Alegre, 1985.
- CHASSEGET-SMIRGEL, J. (1973). O ideal do Ego. Ed. Artes Médicas, Porto Alegre, 1992.
- FREUD, S. Obras Psicológicas Completas. Edição Standard Brasileira, Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1975.
- GREEN, A. (1976). Narcisismo de vida e Narcisismo de morte. Ed. Escuta, São Paulo, 1988.
- GRUMBERGER, B. Narcissism – Psychoanalytic Essays. New York, International Universities Press, 1979.
- HORNSTEIN, L. (1983). Introdução à Psicanálise. Ed. Escuta, São Paulo, 1989.
- KOHUT, H. A análise do Self. Ed. Artes Médicas, Porto Alegre, 1971.
- MAHLER, M. (1975). O nascimento psicológico da criança. Simbiose e Individuação. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1986.
- ROSENFELD, H. (1971). Uma abordagem clínica à teoria psicanalítica das pulsões de vida e de morte. In: Melanie Klein: Evoluções. Ed. Escuta, São Paulo, 1989.
- SEGAL, H. Some clinical implications of Melanie Klein work. Int. Journal Psycho-Analysis, 64: 321-332, 1983.
- STEINER, J. (1981). Relações perversas entre partes do Self: um exemplo clínico. In: Melanie Klein: Evoluções. Ed. Escuta, São Paulo, 1989.
- ZIMERMAN, D.E. Atributos do psicanalista. In: Bion: Da Teoria à Prática. Ed. Artes Médicas, Porto Alegre, 1995.

**David E. Zimmerman**  
Rua Marquês do Herval, 16/1002  
90570-140 – Porto Alegre – RS – Brasil

© Revista de Psicanálise – SPPA

---

\* Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

---

[| Voltar ao Topo |](#)

[| Voltar ao Sumário |](#)